

**UM ESTUDO DA TRANSITIVIDADE DO VERBO “SER”  
A STUDY OF THE TRANSITIVITY OF THE VERB “TO BE”**

Alcebíades Fernandes Jr.<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em análise de estruturas sintagmáticas através de descrições linguísticas e semânticas de uma metodologia dialética, este artigo demonstra o verbo *ser* pertinente à transitividade direta ou indireta ou à intransitividade do verbo *ser* além das características restritas e definidas como verbo de ligação ou demarcador de tempo, conforme se mostra em estudos tradicionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verbo *ser*. Transitivo. Objeto direto. Predicação.

**ABSTRACT:** *In analysis of syntagmatic structures through linguistic and semantic descriptions of dialectical methodology, this article demonstrates the verb to be relevant to the direct or indirect transitive or intransitive beyond the restricted and defined features like linking verb or path of time, as shown in traditional studies.*

**KEYWORDS:** *Verb to be. Transitive. Direct object. Preaching.*

---

<sup>1</sup> Professor pesquisador da área de Letras, Linguística e Semiótica da Universidade Guarulhos

Definido nos estudos linguístico e gramatical pela sua essência como verbo de ligação e marcador de tempo na oração, anotado em Abreu (2006) e Bechara (2009), este artigo propõe mostrar o verbo *ser*, em certas circunstâncias estruturais de discurso, com um efeito de transitividade direta, visto que o seu complemento tem um núcleo substantivo constituindo um sintagma nominal. Essa descrição fundamenta-se nos estudos dialéticos de Fernandes Jr. (2010), resultante de uma pesquisa de campo<sup>1</sup> aplicada em aula com Multimídia, em atenção às descrições sintagmáticas dos estudos Diaglética<sup>3</sup>, em que se aplica ao verbo, na estrutura sintagmática de uma oração, as questões O QUE? e DE QUE MODO?, tendo em vista enfocar o Objeto Direto e o Predicativo do Sujeito, suscitando uma relação semântica entre os “seres” da significação de um e outro e o “ser” da significação do Sujeito.

Em uma análise linguística, entende assim Abreu (2006, p. 94) “... o verbo *ser*, que é um verbo sem estrutura argumental, cuja função básica é a de veicular o tempo da oração, ligado o predicativo ao seu sujeito. Por esse motivo recebe o nome de Verbo de Ligação”. Para Abreu (2010, p. 79) a “estrutura argumental” é descrita em consideração que o verbo possui “algo mais dentro do seu significado. Trata-se de uma estrutura virtual de relação também chamada de *estrutura argumental*”, o que significa uma noção de “agente”

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa “As descrições linguísticas dos níveis sintáticos em Multimídia” apresentado ao CEPPE da Universidade Guarulhos no Programa PESQDOC – 2013 – completando as descrições científicas do estudo Dialética da Língua Portuguesa através da passagem de mais modelos gráficos para imagens com movimento e som, formando o conjunto do modelo geral de análise linguística de toda a Língua Portuguesa.

<sup>3</sup> Fernandes Jr. – Diaglética. São Paulo, Ed. Livro Pronto, 2007

e “paciente”. Assim, a *estrutura argumental* dá ao verbo um “status” de predicador.

Em observação aos estudos gramaticais, Bechara (2009, p. 426) mostra que o verbo *ser* é essencialmente um Verbo de Ligação, “pois sua missão gramatical se restringiria a “ligar” o Predicativo ao Sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador de tempo, modo e aspecto da oração”. Ainda Bechara (2009, p. 427) mostra que, em orações com o verbo *ser* e um Predicativo do Sujeito “a construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*, mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antepõe e aparece antes do sujeito.” Se o predicativo é representado por adjetivo não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que *Inteligente*, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo*, continua a exercer a função de predicativo. Todavia a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome: *Meu amigo é o padrinho* e *O padrinho sou eu*.

Para solucionar esse problema Bechara (2009) propõe a comutação do Predicativo do Sujeito com o Pronome Oblíquo *o*. Assim, fica *Meu amigo o é* e *eu o sou*, demonstrando que, ao tentar-se a inversão das funções de Sujeito e Predicativo do Sujeito dos dois sintagmas, formam enunciados não aceitáveis como *\*O padrinho o é* e *\*O padrinho o sou*. Daí conclui que a inversão do Predicativo do Sujeito com o Sujeito é uma “construção derivada” da construção básica e que o verbo continua sua concordância com o Sujeito e não com o Predicativo do Sujeito. Com esse ponto de vista, admite que é “falsa a classificação de Sujeito” em *São dez horas para dez horas*, pois



comenta que a “classificação” de Predicativo do Sujeito é a mais acertada, considerando oculto o Sujeito em “as horas”.

O que se nota nesses estudos tradicionais é uma preocupação com a estrutura oracional com o verbo *ser* em definir o que é Sujeito e Predicativo do Sujeito, sem que se busquem outras possibilidades de identificação de funções sintagmáticas. É nesse sentido que há necessidade de uma revisão verbal na Língua Portuguesa, considerando que qualquer Verbo é uma função capaz de permitir a ocorrência de qualquer sintagma sem se restringir a um e outro já definido. Com isso, o verbo *ser* está sujeito a todo tipo de predicação verbal, dependendo da estrutura oracional em que o se aplica.

Para então definir melhor, é necessário aprofundar nos estudos de distinção entre Objeto Direto e Predicativo do Sujeito. Nota-se, em Fernandes Jr. (2010), uma análise sintagmática referente ao Objeto Direto e Predicativo do Sujeito, que permite refletir sobre determinados resultados diferenciados dos estudos tradicionais. Aplica-se ao Verbo a questão O QUE? para obter-se o Objeto Direto e o Predicativo do Sujeito, o que se nota em

(1) Ele comprou um carro.

(2) Ela está muito alegre.

Observa-se que, aplicando-se a questão O QUE? ao verbo, comprou em (1) e ao verbo está em (2), se obtém um carro e muito alegre como respostas, de modo que se pode admitir que um carro e muito alegre possam ser considerados Objeto Direto ou Predicativo do Sujeito. Conforme Fernandes Jr. (2007), essa pergunta O QUE? infere semanticamente uma relação entre o “ser” da significação do Sujeito e o “ser” da significação do

sintagma interpretado como resposta. Para discernir um e outro sintagma, aplica-se novamente ao verbo a questão DE QUE MODO?. Se o sintagma-resposta da questão O QUE? for resposta também para tal questão, há de se considerá-lo um Predicativo do Sujeito. Em caso contrário, o sintagma será considerado um Objeto Direto. Assim, o Objeto Direto deve ser resposta só da questão O QUE? e o Predicativo do Sujeito deve ser resposta das duas questões O QUE? e DE QUE MODO?. Assim, em (1), o sintagma um carro é resposta da questão O QUE?, mas não é resposta da questão DE QUE MODO?, de forma que sua função é Objeto Direto e, em (2), o sintagma muito alegre é resposta das questões O QUE? e DE QUE MODO?, considerando-se assim a sua função de Predicativo do Sujeito.

A diferença semântica entre Objeto Direto e Predicativo do Sujeito poderia ser levado em conta as noções de “agente” e “paciente” implícita na relação entre os “seres” da significação do Sujeito e do Objeto Direto, o que não acontece com a relação entre os “seres” da significação do Sujeito e Predicativo do Sujeito, mas, em observação a enunciados como:

(3) Ela tem muita alegria.

em que há o Objeto Direto muita alegria, observa-se que o “ser” da significação do Objeto Direto muita alegria não reflete uma noção de “paciente” em relação ao “ser” da significação do Sujeito Ela. Parece então que a interpretação semântica de “agente” e “paciente” na relação entre um e outro sintagma não é satisfatória para distinguir um de outro. Por outro lado, poder-se-ia supor que a diferença semântica entre Objeto Direto e Predicativo do Sujeito reside em uma abstração do “ser” da significação do Predicativo do Sujeito

implícita no “ser” da significação do Sujeito, mas é isso que não se nota na interpretação semântica dos “seres” das significações do Predicativo do Sujeito muito alegre em (2) e do Objeto Direto muita alegria em (3). Tanto um quanto outro têm interpretações semânticas semelhantes na relação com o “ser” da significação do Sujeito. Que difere então o Objeto Direto do Predicativo do Sujeito além das questões O QUE? e DE QUE MODO??

Para Fernandes Jr. (2010) a estrutura semântica é distinta da estrutura sintagmática da Oração, que coloca o verbo como sintagma central e quaisquer outros sintagmas da Oração devem estar relacionados com ele. Assim, a descrição da estrutura sintagmática difere da estrutura semântica. As relações sintagmáticas são diferentes das relações semânticas, cabendo outro tipo de análise descritiva à estrutura semântica.

Analisando o que denomina Diástase, Fernandes Jr. (2010, p. 606), descrevendo a semântica do verbo como a função sintática que reflete um “comportamento” de um “ser” com uma “existência” relativa à “existência” desse “ser”, argumenta que “Nenhum Sintagma é definido na estrutura semântica, porque ela é constituída por uma relação de “seres” independentes das relações sintagmáticas com o Verbo. Na estrutura semântica, o Verbo é um “ser” que é o “comportamento” de outro “ser”. O “comportamento” de um “ser” pode ser relativo ao “comportamento” de outro “ser”, o que implica a possibilidade de “existência” de um pela “existência” de outro.”. Daí, Fernandes Jr. (2010, p. 607) mostra que “Havendo um “ser” que tem um “comportamento” em relação a outro “ser”, esse “ser” também tem um “comportamento” em relação àquele “ser””. Isso pode ser visto em uma Diástase em que um “ser” (a águia) tem um

“comportamento” (atacar) em relação a outro “ser” (o caçador), que tem o “comportamento” (espantar) em relação ao outro “ser” (a águia), configurando, nessa relação entre dois “seres”, um processo de ação e reação. Com base nessa estrutura semântica, é possível ter enunciados diferentes como

(4) A águia atacou o caçador.

(5) O caçador espantou a águia.

Nota-se aí que ora o Sintagma a águia é Sujeito em (4) e Objeto Direto em (5) e o Sintagma o caçador é Objeto Direto em (4) e Sujeito em (5). Essas variações dos sintagmas não inferem serem partes de estruturas diferentes de uma mesma Oração, mas, sintagmas de Orações diferentes, pois, conforme Fernandes Jr. (2010, p. 610), “Observa-se que os “seres” da estrutura semântica apresentam-se nas estruturas sintagmáticas das Orações dos Períodos Simples ou Compostos, como Sintagmas com diversas funções sintáticas. Isso prova que não é a estrutura semântica que define um Sintagma em uma Oração e que a variação de uma Oração não é uma reestruturação sintagmática, o que se fez sempre em considerar “Voz Ativa” e “Voz Passiva” como variação de uma mesma Oração”, mas, são as mudanças posicionais dos sintagmas em uma Oração. Assim, Fernandes Jr. (2010, p. 611) considera que é “variação de uma Oração, quando se tem os mesmos sintagmas em posições diferentes como em

(6) (a) O caçador espantou a águia com a arma na floresta.

(b) Na floresta, o caçador espantou a águia com a arma.



- (c) Com a arma, o caçador espantou a águia na floresta.
- (d) Na floresta, com a arma, o caçador espantou a águia.
- (e) O caçador, na floresta, espantou a águia com a arma.
- (f) O caçador, com a arma, espantou a águia na floresta.
- (g) O caçador, na floresta, com a arma, espantou a águia.
- (h) Com a arma, o caçador, na floresta, espantou a águia.
- (i) Na floresta, o caçador, com a arma, espantou a águia.
- (j) A águia, o caçador espantou com a arma na floresta.

e outras mais variações possíveis, que permitam deslocar e recolocar os sintagmas na mesma Oração. Assim, não é apenas a manutenção da semântica de uma Oração que pode definir a variação de uma Oração, mas também se leva em conta a manutenção dos mesmos sintagmas como também não é a estrutura semântica que deve definir a estrutura sintagmática, mas é a estrutura de relação com o verbo que descreve a distinção entre os sintagmas na Oração. É desse ponto de vista que se pode então distinguir o Predicativo do Sujeito do Objeto Direto. Assim, Fernandes Jr. (2010, p. 580) descreve que

“O Predicativo do Sujeito é um sintagma relativo às categorias de Tempo e Modo do Verbo, portanto é relativo ao aspecto do Verbo. O tempo da “existência” do “comportamento” refletido pelo Verbo é

equivalente ao da “existência” do “ser” refletido pelo significado do Predicativo do Sujeito. É um Sintagma que reflete um “ser” implícito na estrutura do “ser” referido pelo significado do Sujeito. Mas a “existência” do “ser” significado pelo Predicativo do Sujeito é restrita à “existência” do “comportamento” refletido pelo Verbo e não, à “existência” significada pelo Sujeito”.

Para exemplificar isso, Fernandes Jr. (2010) mostra o enunciado

(7) O mestre chegou nervoso.

em que a duração do tempo da “existência” do “ser” da significação do Predicativo do Sujeito nervoso é o mesmo tempo da duração do tempo da “existência” do “comportamento” refletido pelo verbo chegou. O tempo da duração da “existência” do “comportamento” é o aspecto, cujo ponto de vista se define pelas categorias de tempo e modo<sup>2</sup>. Assim, o Predicativo do Sujeito é relativo ao aspecto verbal. O nervosismo do mestre acontece apenas enquanto ele estiver chegando.

Daí, Fernandes Jr. (2010, p.578) descreve que “O Objeto Direto é um Sintagma relativo à

<sup>2</sup> Fernandes Jr. *Cronológica*. Campinas, Ed. Psy, 1993.



categoria de Pessoa do Verbo, permitindo haver reflexibilidade com a categoria de Pessoa do Sujeito, considerando que o Objeto Direto deve ser um sintagma sem Conectivo inicial” (preposição). Completa Fernandes Jr. (2010, p. 579) que “O Objeto Direto é fundamentalmente constituído de um Pronome Pessoal do caso Oblíquo relativo ao Verbo ou de um Pronome, Numeral ou Substantivo que substitui o Pronome Pessoal do caso Oblíquo relativo ao Verbo na estrutura morfológica da Oração”. Isso então poderia ajudar entender os exemplos com o verbo *ser* apresentados por Bechara (2009) em *Meu amigo o é* e *eu o sou*, demonstrando que a presença do Pronome Pessoal do caso Oblíquo *o* possa comprovar que a função sintática de Objeto Direto para o padrinho nas duas Orações.

É interessante que as questões O QUE? e DE QUE MODO? são eficientes na distinção de Objeto Direto e Predicativo do Sujeito, porque refletem aspectos sintagmáticos pertinentes para um em detrimento do outro. Que há então de subjacente no sintagma que demarca o Objeto Direto como resposta da questão O QUE? e o Predicativo do Sujeito como resposta das questões O QUE? e DE QUE MODO??

Há certas estruturas de oração em que o verbo *ser* pode ser submetido a essas mesmas questões como em

(8) Meu amigo é inteligente.

(9) Meu amigo é o padrinho.

Nota-se, em (8), que inteligente é resposta das questões O QUE? e DE QUE MODO?, podendo assim ser considerado Predicativo do Sujeito, enquanto que, em (9), o padrinho é só resposta da

questão O QUE?, o que significa que sua função sintagmática é Objeto Direto. O fato é que Bechara (2009) notou a possibilidade de sua substituição pelo Pronome Pessoal oblíquo *o* em *Meu amigo o é*. O Pronome Pessoal Oblíquo *o* caracteriza-se pela função de Objeto Direto em (9) e Predicativo do Sujeito em (8), significando “isso”. Assim, o verbo *ser* pode ser transitivo direto em (9) e verbo de ligação em (8). O fato de *ser* ter então um adjetivo relativo semanticamente ao Núcleo do Sujeito, ele atende a função de Predicativo do Sujeito, respondendo às questões O QUE? e DE QUE MODO??, mas, ao se ter um substantivo relativo semanticamente com o Núcleo do Sujeito, pode se ter um Objeto Direto que atende apenas à questão O QUE? como resposta. Assim, em enunciados como

(10) Ela é uma flor.

percebe-se então que uma flor se descreve como um Objeto Direto, porque, na morfologia, se descreve como um substantivo com artigo e, semanticamente, é relativo ao Núcleo do Sujeito Ela. Em uma análise semântica mais apurada, pode-se entender uma forma comparativa de dois “seres”: ela é “bela” como uma flor é “bela”, o que justificaria que há, em (10), um Predicativo do Sujeito omitido. Aplicar essa mesma técnica de recuperação não é possível em

(11) Ela é uma beleza.

o que permite então definir que o Objeto Direto uma beleza não está aí disponível para uma interpretação semântica comparativa das características de dois “seres”. Então, em (10), não se justifica a interpretação semântica de recuperação de estrutura para definir os sintagmas, de modo que uma flor em (10) é tão Objeto Direto



como o padrinho em (9), indiferente a qualquer possibilidade de se fazer uma interpretação comparativa entre dois “seres”. É nesse sentido que o verbo *ser* assume uma transitividade direta em estrutura oracional com Objeto Direto.

É possível supor então que o verbo *ser* tenha outras funções do ponto de vista da predicação verbal, sem que se restrinja as funções conectivas e demarcativas de temporalidade, o que se pode ver em

(12) Ao técnico, eram todas elas.

Nota-se aí que o verbo eram tem como Sujeito todas elas e a presença de um Objeto Indireto ao técnico, demonstrando que predicação verbal para o verbo eram deve ser transitivo indireto. Em observação aos enunciados apresentados por Bechara (2009), ele não só não percebeu a transitividade do verbo *ser* em (9) como também não notou a intransitividade do verbo *ser* em

(13) São dez horas.

em que dez horas é o Sujeito, de maneira que a falta de outros sintagmas pode levar o verbo *ser* a ser intransitivo.

Conclui-se então que o verbo *ser* segue as variações gerais da predicação verbal, dependendo da estrutura oracional em que se insere, podendo ser verbo de ligação, transitivo direto, transitivo indireto ou intransitivo, conforme os sintagmas constituintes da oração, independente da visão clássica de “regência verbal”, que estaciona os verbos da língua ao uso condicionado sem ou com preposições específicas e incontestáveis a quaisquer análises linguísticas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Gramática mínima para o domínio da língua padrão**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- FERNANDES JR., A. **Diaglética**. São Paulo: Livro Pronto, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Dialética da língua portuguesa**. São Paulo: Livro Pronto, 2010.